

Contrapontos e Consensos: o Valor-notícia para Jornalistas, Leitores e Não Leitores¹

Catherine Baggio CAMPOS²
Karina SONAGLIO³
Hendryo Anderson ANDRÉ⁴
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo tem como proposta contrapor os jornalistas e os leitores de jornais utilizando um método similar daquele usado por David White, criador do termo “*gatekeeper*”. Em uma época em que se comenta muito sobre os rumos do jornalismo, discutiremos o valor-notícia na visão dos profissionais, que têm o poder de decisão de escolher quais notícias os leitores lerão, e o valor-notícia daqueles que compram os jornais. O resultado do artigo aponta que a Gazeta do Povo, principal jornal impresso de circulação no Paraná, diverge de sua proposta editorial ao não se enquadrar exatamente como um veículo de cunho regional.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; jornais; valor-notícia; leitor; gatekeeper.

INTRODUÇÃO

A crise do jornalismo começou no século XXI e cresce cada vez mais. Jornais impressos de pequeno porte desaparecem e os de grande circulação correm para conseguir publicidade para se manterem no mercado. O desafio de competir com a internet é árduo, já que grande parte da atenção dos financiadores e, principalmente, dos leitores, está voltada para lá. Enquanto isso, as publicações impressas diminuem cada vez mais suas tiragens e, conseqüentemente, suas arrecadações.

Explicações sobre os motivos dessa migração para o online existem aos montes e são um tanto quanto convincentes. É mais prático, barato e, ainda, pode ser aberto em qualquer lugar com um *smartphone*, tornando o acesso muito mais fácil. As teorias para a queda do jornalismo como um todo, entretanto, ainda deixam algumas lacunas em aberto. O

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: cathybaggio@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: karinasonaglio@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: hendryoandre@gmail.com

conteúdo disponibilizado em jornais cansou os leitores? Ou nunca agradaram e, agora, numa época com uma maior autonomia da sociedade, os leitores estão “esnobando” o conteúdo considerado jornalístico para buscar o que realmente lhes interessam?

Desde o advento do jornalismo moderno quem decide o que merece ou não ser publicado são os próprios jornalistas. Os mesmos assuntos recorrentemente, assim como uma abordagem semelhante na maioria dos casos, acabaram cansando os leitores que, com o passar do tempo, “desistiram” dos jornais impressos, principalmente no Paraná, o terceiro estado com o maior número de migração de leitores para o formato online. É o que diz a Pesquisa Brasileira de Mídias 2015, produzida anualmente pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República. A média brasileira de migração para o jornal no formato da internet é de 10%. Já no Paraná, 22% afirmaram se informar pelo meio digital.

A pesquisa também revelou que no Brasil 76% das pessoas não leem jornais. Dos 21% que afirmaram ler o meio de comunicação ao menos uma vez na semana, 28% deles disseram que os assuntos que mais procuram nos jornais estão relacionados a notícias da cidade e do cotidiano. A internet trouxe, portanto, autonomia para o leitor. Hoje ele busca somente as notícias que o interessam, de maneira prática, rápida e, na maioria dos casos, tem acesso a um conteúdo gratuito. A internet possibilitou um espaço que os outros meios não podiam oferecer. Muito conteúdo julgado não relevante ficava de lado por conta da falta de espaço físico dos meios impressos ou de tempo disponível na programação televisiva e de rádio.

Dessa maneira, na época das “vacas gordas” nos jornais impressos era preciso determinar quais matérias mereciam espaço, tão disputados. Foi buscado então, por muito tempo, um consenso que chegasse a critérios mais amplos que seriam utilizados na hora de escolher quais assuntos eram mais relevantes. Foi com este objetivo que David White, partindo de uma analogia proposta pelo psicólogo social Kurt Lewin, realizou então o que chamou de Teoria do Gatekeeper.

Essa teoria buscava desvendar o funcionamento do desenvolvimento do fluxo de notícias a partir do estudo do trabalho de editores de jornais norte-americanos e dos métodos que eram utilizados para selecionar as notícias que iriam para o jornal no dia seguinte. Esses editores eram chamados de “*gatekeepers*”, nome que sugere que o conteúdo

final publicado depende de o que foi “bom” o suficiente para passar dos portões, relacionado ao poder de decisão do responsável sobre quais matérias entram ou ficam do lado de fora. Como resultado, White (1993, p.145) concluiu que a “comunicação de notícias é extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor, baseados na experiência, atitudes e expectativas do ‘gatekeeper’”. Essa teoria, apesar das lacunas já extensamente apontadas pela literatura na área, é de extrema importância para nós, uma vez que traz alguns dos aspectos que interferem na escolha do jornalista no momento de montar o jornal.

Além da seleção ser “extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor”, como citado acima por White, Traquina (2008, 79-88) definiu, com base em Wolf (2003), 11 valores-notícia que fazem com que um fato se torne jornalístico. São eles: a “morte”, a “notoriedade”, a “proximidade”, a “relevância”, a “novidade”, o “tempo”, a “notabilidade”, o “inesperado”, o “conflito”, a “infração” e o “escândalo”. Não tomando como verdade única os critérios citados por acima, os valores-notícia utilizados atualmente ainda se relacionam com os de Traquina.

Entramos a partir de então em um impasse. Esses valores-notícia utilizados são suficientes para garantir ao público um conteúdo jornalístico de qualidade? Vemos atualmente o sensacionalismo como tema obrigatório em uma grande parte dos periódicos – lembrando o valor-notícia “morte”, de Traquina. Isso é o ideal? O ideal talvez fosse relacionar diversos valores-notícia utilizando como base em especial um deles: “relevância”, algo que o sensacionalismo, majoritariamente, não leva em consideração.

UTILIZANDO O “GATEKEEPER” COMO MÉTODO

Durante uma aula para alunos do 3º ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, na disciplina de *Teorias da Comunicação e do Jornalismo*, realizamos um trabalho que tinha como base a Teoria do Gatekeeper. Foi entregue aos alunos um material que continha 60 títulos e lides de matérias que poderiam estar em um jornal. Tendo como informação apenas que aquele seria um jornal para as classes A e B da cidade de Curitiba, os acadêmicos deveriam selecionar nove das 60 chamadas de matérias para compor a capa desse periódico e, ainda, explicar os motivos pelos quais as outras matérias foram deixadas de fora. Mais tarde, ao serem analisadas as capas resultantes daquele processo, percebeu-se

que a maioria dos grupos havia compartilhado matérias para suas capas. Era a prova cabal, segundo o professor da disciplina, de que o processo de escolha das matérias não era algo que dependia exclusivamente de critérios subjetivos e arbitrários, haja vista que a atividade havia sido realizada antes das discussões sobre valores-notícias.

Decidimos então complementar a atividade. Já que os valores-notícia dos acadêmicos de Jornalismo são eminentemente similares, por conta da noção de noticiabilidade, ocorreria o mesmo em relação a jornalistas já formados atuantes no mercado e o público que lê jornal? Não seria essa divergência um dos motivos pelo qual haja tanto desinteresse das pessoas em relação ao consumo de notícias no jornalismo tradicional? Segundo Pena (2005, p. 100), “por enquanto o máximo que o usuário pode fazer é responder a estímulos determinados pelo emissor da mensagem. As interfaces usadas até hoje são limitadas e reproduzem um modelo obsoleto de comunicação. Na verdade, continuamos como receptores. Apenas temos a ilusão de que podemos intervir nos conteúdos”.

O jornalismo impresso, historicamente, é rodeado por uma hierarquização. Essa seleção de notícias que estarão presentes no impresso do dia seguinte sempre precisou ser muito bem escolhida, pois há limitação de espaço, ao contrário do jornalismo online. A partir dessa crescente da tecnologia, o papel do jornal impresso precisou ser modificado. Não precisam mais estar presentes as matérias que simplesmente noticiam acontecimentos, já que a internet faz isso com maestria. O repórter do meio de comunicação mais tradicional precisou se reinventar. Reportagens especiais, enfoques alternativos. O problema é que ao mesmo tempo que acontecia essa reinvenção, o número de leitores do impresso diminuía. Seria esse um resultado da migração natural do leitor para os meios digitais ou a mudança de utilidade do papel impresso não estaria agradando suficientemente o público?

Neste paper analisa-se o que os públicos acreditam ser relevante, qual a impressão de noticiabilidade para jornalistas, leitores de jornais e não leitores, e que tipo de conteúdo pode trazer de volta o interesse perdido pelas publicações impressas. Para isso, entrevistamos e fizemos uma pesquisa com base em escolha de notícias com três editores do caderno de *Vida e Cidadania*, do jornal Gazeta do Povo, três leitores do caderno e outras três pessoas que afirmam não ler o jornal.

Dessa maneira, houve uma comparação entre os resultados vistos de três ângulos diferentes para que pudéssemos saber se as opiniões são semelhantes ou opostas e se os jornalistas estão fazendo um bom trabalho, uma vez que o objetivo principal deve ser oferecer um conteúdo de qualidade e, simultaneamente, que atraia a atenção dos leitores.

UM ESTUDO SOBRE GATEKEEPER NA GAZETA DO POVO

À medida que amadurecemos a ideia da proposta, decidimos focar nossa pesquisa no jornal impresso paranaense de maior circulação no estado, a Gazeta do Povo, fundada em 3 de fevereiro de 1919 – o mais antigo em atividade do estado. Analisamos o caderno *Vida e Cidadania*, responsável por matérias relacionadas à saúde e bem estar, educação, vida prática e história. Temas como a qualidade e o preço do transporte público, falta de táxis e outros assuntos da cidade são temas diários da cobertura do caderno.

Vale deixar claro uma mudança ocorrida no segundo semestre de 2015 no caderno. Anteriormente, matérias sobre Mundo e Vida Pública formavam, cada uma, um caderno específico no formato impresso. A partir de uma mudança, *Vida e Cidadania*, *Mundo e Vida Pública* fazem parte de uma só seção no jornal Gazeta do Povo, o próprio *Vida e Cidadania*. Com isso, não há mais a obrigatoriedade de fechar uma ou mais páginas apenas com notícias sobre Mundo, por exemplo. A quantidade de notícias relevantes sobre cada assunto é que determinará a presença desses temas no impresso.

No caso do dia 13 de novembro de 2015, em que houve os atentados terroristas em Paris, o “Vida e Cidadania” do dia seguinte foi às ruas com matérias predominantemente sobre “Mundo”, e uma quantidade menor de “Vida Pública” e outros temas que englobam o “Vida e Cidadania”. No entanto, outros temas de localidades fora do Paraná também afetam a vida de seus moradores e o jornal de maneira direta. Por isso, discussões sobre a maioria penal, políticas de saúde e educação, entre outras questões resolvidas em Brasília ou práticas adotadas em outros países também afetam o cotidiano do paranaense. Notamos que a Gazeta do Povo não é um jornal regional, já que tenta se aproximar de jornais como A Folha de São Paulo e O Globo, os dois maiores jornais em circulação no Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais.

A maior diferença entre eles, entretanto, é o real alcance de cada um. A Gazeta do Povo era, segundo a Associação Nacional de Jornais, em 2014, o 24º no ranking dos maiores jornais pagos em circulação pelo país e o primeiro no Paraná. O periódico tinha uma média de circulação (impresso mais o digital) de 40.525 exemplares. Já A Folha de S. Paulo e O Globo têm médias superiores a 300 mil exemplares.

A organização do caderno é feita a partir de páginas temáticas que são publicadas em dias da semana pré-determinados. Na segunda-feira, o tema é “Saúde e Bem Estar”, e são abordados assuntos relacionados à prevenção e o tratamento e doenças, avanços científicos, novidades terapêuticas, entre outras questões e seus mitos, verdades e curiosidades.

Terça-feira é o dia da “Educação”. Nesta página o leitor encontra notícias a respeito da qualidade da nossa educação, além de comparações com a situação de outros países. A página também traz informações sobre políticas públicas, metodologias de ensino, comportamento de alunos, desempenho escolar e dicas para pais e educadores.

Na quarta-feira, “Finanças Pessoais” é um tema presente no jornal. Na quinta, o empreendedorismo entra em pauta com o tema “Empreender”. Sexta-feira, matérias sobre “Consumidor” também são obrigatórias.

A última página temática, que é publicada aos sábados, é a sobre história. São publicadas reportagens que destacam a história tanto do Paraná, quanto do Brasil. São feitas também divulgações e análises de livros, teses e dissertações e disponibilizadas informações sobre eventos e mostras do setor.

No entanto, para seguir com a pesquisa foi fundamental que analisássemos mais detalhes sobre o público-alvo do caderno, uma vez que é preciso determinar um perfil geral do leitor. Segundo dados do Ipsos, a audiência do caderno no jornal impresso é de 311.000 leitores semanais. Já a página do “Vida e Cidadania” na internet, tem 2.531.000 *pageviews* mensais e 1.396.000 visitantes únicos por mês. No entanto, neste momento optamos por analisar com maior exclusividade o jornal impresso.

Os números mostram que apesar dos homens serem a maioria dos leitores (52%), as mulheres representam 48%. A faixa etária mais significativa é de 18 a 29 anos, com 24% e 58% dos leitores são da classe B. Em relação aos assuntos de interesse desse público,

atualidades/noticiário do momento, saúde/bem estar/qualidade de vida e músicas estão no topo da lista. Já nos hábitos de lazer, os campeões são ouvir músicas, cozinhar e ir à praia.

Nosso objetivo foi, por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, entender a relação de valor-notícia e noticiabilidade, convergindo a visão por três ângulos diferentes. Primeiro o dos jornalistas responsáveis pela editoria, que determinam quais matérias são relevantes para serem publicadas no caderno e quais são os seus critérios na hora de tomar tais decisões. Em seguida, o dos leitores dessas matérias, procurando saber se ele está satisfeito. Perguntamos o que esse leitor gosta de ver no caderno, o que está faltando, suas qualidades e defeitos. E por último, o ângulo daqueles que não têm relação nenhuma com os outros dois grupos investigados: os não leitores do jornal. Queríamos saber os motivos pelos quais o caderno não os interessa e que tipo de matérias, que não fujam da proposta do caderno, os chamariam a atenção para começar a ler.

A análise qualitativa partiu da pesquisa com três jornalistas responsáveis pelo caderno, quatro leitores e quatro não leitores. O primeiro passo seria contatar os jornalistas, assim como selecionar os leitores e não leitores que farão parte do estudo.

Inicialmente, essa seleção foi feita através de um formulário do Google Docs que foi enviado para diversas pessoas por e-mail e disponibilizado em redes sociais. Nele, os interessados se identificaram e responderam questões como faixa etária, classe social e, principalmente, se leem ou não o caderno “Vida e Cidadania”.

Depois dessa seleção inicial, partimos para a pesquisa de fato. Foram feitos então três questionários diferentes, um para cada grupo, em que perguntamos para os jornalistas quais eram os critérios de seleção das matérias⁵. Para os leitores, questionamos o grau de satisfação, o que gostam de ver no caderno, o que consideram relevante e o que dispensariam do caderno. Para os não leitores, queríamos saber o que tornaria o “Vida e Cidadania” mais atraente, fazendo com que se tornasse um caderno de seu interesse, e também o que está lá mas não o satisfaz. Utilizamos o método comparativo, que “procede

⁵ Além de um questionário básico sobre informações pessoais, acrescentaremos perguntas sobre como são feitas as escolhas das pautas das matérias que serão produzidas e qual o grau de aceitação das pautas sugeridas pelos próprios jornalistas. Questionaremos também, de maneira direta, se eles acreditam estar cumprindo com o dever do jornalismo e agradando o público leitor com sua escolhas.

pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles” (GIL, 1999, p. 34).

É nesse momento que entra o exercício feito em sala citado anteriormente, que motivou o tema deste artigo científico. Partindo do modelo proposto na aula de Teorias da Comunicação, selecionamos notícias e assuntos factuais que se relacionam com o conteúdo que geralmente é abordado pelo caderno. Mostramos aos entrevistados o título e o lide dessas matérias. Ao aplicar o exercício – é importante ressaltar que o exercício foi aplicado no mesmo dia para todos os participantes, já que os fatores tempo e proximidade são alguns dos principais motivos que definem as pautas -, pedimos para todos os integrantes dos três grupos – jornalistas, leitores e não leitores - escolherem quais matérias mereciam estar na capa, atuando então como “*gatekeepers*”, seguindo aquilo que pressupôs David White. Além de selecionarem as matérias que acreditam ter importância suficiente para estarem no jornal, pedimos para numerá-las segundo uma hierarquização de um a dez – um para a notícia mais importante, que seria a manchete, dois para a segunda mais importante, e assim sucessivamente, seguindo as chamadas da capa de um jornal.

Assim, poderíamos descobrir quais assuntos se mostram relevantes para cada grupo e, ainda, a noção de hierarquização da informação que cada um tem. O desenvolvimento deste artigo partiu, portanto, de uma análise de todos esses fatores que serão pesquisados. A pesquisa qualitativa nos ajudou a debater sobre o porquê de certo grupo pesquisado ter escolhido predominantemente uma matéria que outro grupo sequer achou relevante. Partimos do pressuposto de que a mídia influencia diretamente nos temas que serão debatidos pela sociedade, como afirma a Teoria do Agendamento. Segundo Felipe Pena (2005, p.142), “a Teoria do Agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas”.

Com o resultado deste artigo, compreenderíamos se a ideia de valor-notícia para os jornalistas da editoria “Vida e Cidadania” da Gazeta do Povo se aproxima mais dos leitores que acompanham o jornal frequentemente do que aqueles que afirmam não ler ou praticamente não ler o jornal – o que de princípio, e na teoria, faz sentido. Entendemos também que os repórteres da editoria escolhida têm “rituais” próprios do local onde

trabalham, como afirma a Teoria Gnóstica, que segundo Felipe Pena (2005, p.138), se trata de um “conhecimento esotérico que se transmite por tradição e mediante ritos de iniciação”. Descobriríamos se o compartilhamento de noticiabilidade e valores-notícia seria um desses rituais do grupo jornalístico. Seria possível o conhecimento esotérico jornalístico, compartilhado normalmente apenas com jornalistas próximos, ser passado, mesmo que indiretamente, ao público leitor por conta do perfil das matérias publicadas em um jornal impresso? Se sim, até que ponto isso é fundamental para a permanência de certo público leitor para o caderno de “Vida e Cidadania” da Gazeta do Povo?

PROXIMIDADE DA NOTÍCIA É O MAIS IMPORTANTE

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi a disponibilização da enquete em uma rede social. A partir dessa enquete, identificamos leitores e não leitores que estivessem dispostos a participar da pesquisa. Ao selecionar os participantes de ambos os grupos, optamos por escolher apenas pessoas que estivessem na faixa etária de 18 a 29 anos, uma vez que o maior número de leitores do jornal está nesta faixa.

Também entramos em contato com três editores responsáveis pela produção do caderno “Vida e Cidadania”. Entre eles estavam um editor de “Mundo”, um editor de “Vida Pública” e um editor de fechamento do caderno.

Todos os nove participantes da pesquisa receberam as mesmas 15 notícias do dia 16 de novembro de 2015. Cada um deveria escolher as cinco notícias que julgasse mais importantes para entrarem na edição do caderno daquele dia. Depois disso, deveriam responder questões - diferentes para cada grupo -, justificando suas escolhas e falando de suas relações com o caderno.

Optamos por escolher cinco notícias de cada editoria, mas misturamos todas elas para que os participantes não tivessem qualquer tipo de influência no momento da escolha. Entre as manchetes de “Mundo”, estavam: “Economia do Japão encolhe 0,8% no 3º tri e volta a entrar em recessão⁶”, “Potências defendem no G-20 ampliação da vigilância a

⁶ <http://noticias.r7.com/brasil/economia-do-japao-encolhe-08-no-3-tri-e-volta-a-entrar-em-recessao-16112015>

cidadãos comuns⁷”, “EUA bombardeiam caminhões de petróleo do Estado Islâmico⁸”, “Putin diz que Rússia e Grã-Bretanha devem combinar esforços em luta contra terrorismo⁹” e “Belga que está na Síria é suspeito de ter planejado ataques de Paris”¹⁰.

Já as manchetes de Vida Pública eram: “PF lança nova fase da Lava Jato contra ex-funcionários da Petrobras por Pasadena e Abreu e Lima¹¹”, “Receita paga hoje 6º lote de restituição do Imposto de Renda¹²”, “Em congresso, PMDB deve elevar tom das críticas ao governo¹³”, “Dilma corta R\$ 530 mi de outros Poderes; Judiciário perde R\$ 378 mi¹⁴” e “MPF diz que compra de Pasadena pela Petrobras pode ser cancelada¹⁵”.

As escolhidas da editoria de Vida e Cidadania foram: “Mariana ‘fecha as portas’ sem a mineração, diz prefeito¹⁶”, “Fiscalização da Área Calma no Centro de Curitiba começa nesta segunda¹⁷”, “Constrangimento de mães de bebês microcéfalos demanda auxílio terapêutico¹⁸”, “Exame toxicológico obrigatório para motorista profissional é regulamentado¹⁹” e “Lama de Mariana (MG) avança e provoca matança de peixes²⁰”.

É importante apontar que o dia em que fizemos a pesquisa foi três dias após o atentado terrorista do dia 13 de novembro de 2015 em Paris, que matou mais de 120

⁷ <http://oglobo.globo.com/mundo/potencias-defendem-no-20-ampliacao-da-vigilancia-cidadaos-comuns-18058728>

⁸ <http://oglobo.globo.com/mundo/eua-bombardeiam-caminhoes-de-petroleo-do-estado-islamico-18059650>

⁹ <http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKCN0T50RZ20151116>

¹⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1706975-belga-que-esta-na-siria-e-suspeito-de-ter-planejado-ataques-de-paris.shtml>

¹¹ <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0T50VF20151116>

¹² <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2015-11/receita-paga-hoje-6o-lote-de-restituicao-do-imposto-de-renda>

¹³ <http://oglobo.globo.com/brasil/em-congresso-pmdb-deve-elevar-tom-das-criticas-ao-governo-18058533>

¹⁴ <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/dilma-corta-r-530-mi-de-outros-poderes-judiciario-perde-r-378-mi-8uwvjfzgd863lv9xyuer754h>

¹⁵ <http://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN0T51VW20151116>

¹⁶ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/mariana-fecha-portas-sem-mineracao-diz-prefeito>

¹⁷ <http://g1.globo.com/pr/parana/transito/noticia/2015/11/fiscalizacao-da-area-calma-no-centro-de-curitiba-comeca-nesta-segunda.html>

¹⁸ <http://noticias.r7.com/saude/constrangimento-de-maes-de-bebes-microcefalos-demanda-auxilio-terapeutico-15112015>

¹⁹ <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/exame-toxicologico-em-motorista-profissional-e-regulamentado>

²⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/11/1706898-lama-de-mariana-mg-avanca-e-provoca-matanca-de-peixes.shtml>

peças, e 11 dias depois do maior desastre ambiental que o Brasil já viu: o rompimento de uma barragem de rejeitos de minério em Mariana (MG).

Ambos os fatos tiveram enorme repercussão na maioria dos jornais e veículos informativos do país, portanto não poderiam faltar na pesquisa. Desta maneira, já sabíamos desde o início de que a probabilidade de ambas as notícias serem unanimidade entre os pesquisados, era grande. No entanto, não foi bem assim.

O *leitor 1* escolheu duas notícias de “Mundo”, duas de “Vida e Cidadania” e uma de “Vida Pública”. Os assuntos abordados foram terrorismo, G-20, saúde, Operação Lava Jato e a nova “Área Calma” de Curitiba. Ele acredita que tais notícias são mais pertinentes ao que é oferecido pelo caderno “Vida e Cidadania” e que são mais relevantes ao dia a dia do cidadão curitibano. Se pode perceber nesse caso a importância da proximidade, um dos valores-notícias intitulados por Traquina. Isso contraria o que a Gazeta do Povo muitas vezes propõe, tentando se tornar um jornal que abrange todos os tópicos nacionais.

Ele descreveu as notícias sobre o desastre em Mariana e microcefalia como “passadas”, uma vez que já foram exaustivamente exploradas pelos noticiários. “O imposto de renda é uma notícia muito corriqueira, que não cabe em um caderno físico com espaço limitado. Crise política não anda trazendo novidades, e por isso também não me chamam a atenção”.

O *leitor 2* optou por três notícias de “Vida Pública”, uma de “Vida e Cidadania” e uma de “Mundo”. Elas tratavam de temas como a Operação Lava Jato, o G-20, o desastre em Mariana e a crise política. Esse leitor preferiu dar mais importância a fatos que acontecem no Brasil, deixando de fora, portanto, notícias relacionadas ao terrorismo e aos ataques em Paris. Ele queixou-se do fato de que quando algo como os ataques acontecem, todos os outros assuntos são deixados de lado, o que não deveria acontecer. O fator proximidade também pode ser aplicado nesse caso, entretanto, de maneira diferente do *leitor 1*. O *leitor 2* toma como proximidade as notícias que ganham destaque nacional e não apenas no estado do Paraná. O pensamento do *leitor 2* é um pouco mais próximo daquilo que a Gazeta do Povo procura fazer.

Assim como o *leitor 2*, o *leitor 3* também optou por três notícias de “Vida Pública”, uma de “Vida e Cidadania” e uma de “Mundo”. As respostas dos dois coincidiram em 4 das

5 notícias. A diferença foi que o *leitor 3* deixou de lado a notícia sobre Mariana para escolher uma de saúde. É interessante pensar nesse ponto sobre o critério de notabilidade – algo ligado à capacidade que os jornais precisam ter para fugir da cobertura superficial e factual, atualmente adotada preferencialmente pela mídia televisiva.

De maneira geral os leitores tiveram algumas semelhanças entre si. Todos escolheram a notícia sobre a Operação Lava Jato, assim como a que fala das 20 maiores economias do mundo, o G-20. Foram várias as notícias recusadas por todos, que abordavam temas como a economia japonesa, imposto de renda, microcefalia e o suspeito de ter planejado os ataques a Paris.

O *não leitor 1* escolheu duas manchetes de “Vida e Cidadania”, duas de “Mundo” e uma de “Vida Pública”. Além do G-20, matérias sobre terrorismo, Operação Lava Jato, Área Calma de Curitiba e sobre a cidade de Mariana também foram selecionadas. Ao justificar as escolhas, o *não leitor 1* utilizou critérios jornalísticos ao explicar que procurou equilibrar o jornal ao escolher uma notícia regional, duas nacionais e duas internacionais, que são consequências dos atentados em Paris.

Ele acredita que as notícias, tanto sobre Paris, como sobre Mariana, devem focar mais em ações futuras que devem ser realizadas, e não o que já passou, que já foi tão explorado. Para que o caderno “Vida e Cidadania” chame mais sua atenção, o *não leitor 1* acredita que seria fundamental que a escrita fugisse do jornalismo tradicional.

O *não leitor 2* também escolheu as matérias do G-20 e da Área Calma. Saúde foi o foco de duas notícias selecionadas e também foi o único que julgou importante a manchete sobre imposto de renda. Foram, portanto três de “Vida e Cidadania”, uma de “Mundo” e uma de “Vida Pública”.

O *não leitor 2* explica que apenas leria a versão impressa do caderno caso fosse uma reportagem especial rica em informações, detalhes e dados que não pudesse ter acesso em outros meios mais rápidos, como internet, rádio ou televisão. Ele defende que o jornal impresso precisa inovar, buscar novos olhares, novos atrativos e abordagens, apenas a informação já não basta mais. “Não existe motivo para ler a versão impressa se encontro as mesmas informações em portais de notícia, no rádio e na TV”, diz.

Por fim, o *não leitor 3* selecionou duas matérias de “Vida e Cidadania”, as quais tratavam de saúde, duas de “Mundo”, sobre o G-20 e bombardeiros ao Estado Islâmico, e apenas uma de “Vida Pública”, que trata de política. No entanto, ao justificar suas escolhas, o *não leitor 3* admitiu que, apesar de reconhecer a importância de tais notícias, a única que realmente o interessou foi a que trata da obrigatoriedade de exames toxicológicos para motoristas profissionais, a qual descreveu como menos formal.

Quando questionado sobre o que o faria ler o caderno, o *não leitor 3* respondeu que matérias que afetem o seu cotidiano são fundamentais. Além disso, assim como o *não leitor 1*, pediu uma linguagem mais informal.

Os profissionais da área então avaliaram as mesmas notícias dos grupos acima e selecionam quais devem ser publicadas no caderno. Todos salientaram muito a importância da página 4 para o jornal, na qual geralmente é publicada a matéria principal. Agora que “Vida e Cidadania”, “Vida Pública” e “Mundo” disputam o mesmo espaço físico no jornal, há mais liberdade de espaço a partir da demanda de cada dia, assim como três antigas equipes hoje são uma só.

Além dos valores-notícia já tratados anteriormente, como proximidade, relevância, conflito, tempo, entre outros, os editores usam a audiência das matérias no portal da Gazeta do Povo na internet para saber quais estão sendo mais bem recebidas. Entretanto, um dos editores enfatiza que esse não é um critério decisivo, uma vez que nem sempre a matéria com maior audiência na internet tem um conteúdo indicado para o impresso. Editores tem o dever de publicar assuntos mais importantes e de maior peso, mesmo que não sejam os mais interessantes.

Hoje, com um caderno para as três editorias, o editor de “Mundo” reconhece que tem dias em que “Mundo” perde um espaço significativo, mas que pode ter muito destaque quando grandes acontecimentos ocorrem fora do Brasil. Um exemplo ideal é o caso dos ataques terroristas em Paris. Mesmo que este assunto não entre no critério de “proximidade”, é dever do jornalista mostrar e explicar ao leitor o que acontece no mundo. Ao selecionar as notícias que julgou mais importante, o *editor 1* (de “Mundo” da Gazeta do Povo) optou por duas de “Mundo”, que tratavam de medidas antiterroristas e, mais uma

vez, o G-20, e três de “Vida e Cidadania”, que trazem como temas a Área Calma de Curitiba, o desastre em Mariana e a microcefalia.

O fato de o *editor 1* ter deixado a editoria de “Vida Pública” de fora exemplifica justamente as mudanças que ocorreram no caderno com essa junção. Neste dia, o editor de “Mundo” permitiu que notícias que ele considerava mais importante deixassem “Vida Pública” de lado por um dia.

Ao justificar suas escolhas, o *editor 1* utilizou um critério pedido pelo primeiro do grupo de não leitores: “eu vejo um potencial maior de ‘olhar para o futuro’, ou seja, ir além do noticiário factual”. O *editor 1* explicou que um dos papéis do jornal é apontar tendências e desdobramentos. “No caso de um jornal impresso, é sempre melhor ter um material que diferencie do conteúdo online, já que ele nunca poderá competir com a velocidade digital. Por isso deixei de lado as notícias mais factuais”. Também explicou que escolheu a manchete referente à Área Calma curitibana para equilibrar o jornal, uma vez que é a única que fala com um público “hiperlocal”.

O editor contou que busca mudar o perfil da editoria de “Mundo” na Gazeta do Povo. Seu trabalho procura fugir de um jornal exclusivo de geopolítica para trazer assuntos mais curiosos, para diferenciar a Gazeta dos maiores jornais brasileiros.

Já o *editor 2* (de “Vida Pública”) escolheu duas de “Mundo”, uma sobre os ataques em Paris e outra sobre o G-20, duas de “Vida e Cidadania” (Área Calma e microcefalia) e apenas uma de sua própria editoria, a respeito da refinaria de Pasadena. Isso reforça mais uma vez a questão de que, assim como o editor de “Mundo”, o de “Vida Pública” concordou que neste dia outros assuntos mereciam mais espaço. O *editor 2* justificou suas escolhas declarando que sempre opta pelos assuntos mais “quentes” do dia e os que são mais próximos do leitor, o que impacta a vida dele.

O *editor 3* é o de fechamento do caderno “Vida e Cidadania”. Entretanto, ele decidiu inovar e fugiu da nossa proposta. Supondo que houvesse espaço, o *editor 3* decidiu, em vez de escolher 5 manchetes, escolher 5 temas. Dessa maneira, unificou 10 das 15 notícias disponibilizadas em 5 diferentes matérias, ainda apontando qual deveria abrir cada uma. Os assuntos são: terrorismo, que engloba quatro manchetes de Mundo; Operação Lava Jato, com duas de Vida Pública; corte de orçamento, com uma manchete de Vida Pública; o

desastre em Mariana com duas de Vida e Cidadania; e a Área Calma, com uma matéria de Vida e Cidadania. O *editor 3* justificou suas escolhas explicando que são todos assuntos factuais que, se não forem dados, se perderão.

Ainda assim, o *editor 3* não menospreza as únicas 5 que ficaram de fora, “As matérias que ficaram de fora merecem ser publicadas. Mas na eventualidade de não termos espaço, teríamos de fazer opções. Isso é trabalho de edição”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apenas uma notícia foi unanimidade entre todos os entrevistados: o encontro do G-20. Outra foi quase uma unanimidade: a nova fase da Operação Lava Jato. Pode-se perceber uma escolha muito semelhante entre os *leitores* do caderno “Vida e Cidadania”. É notável que esse grupo de pessoas prefere notícias com uma maior proximidade, explicando o porquê de terem deixado de lado questões como o terrorismo em Paris, mesmo com o assunto em alta.

No grupo de *não leitores* houve uma maior divergência entre os assuntos escolhidos. O G-20 continuou aparecendo, e temas como a “Área Calma”, saúde e terrorismo começaram a aparecer. Com os editores, percebe-se uma atenção maior voltada para os assuntos mais quentes, como o terrorismo. Os 3 editores escolheram notícias sobre o assunto, contrariando alguns leitores e não leitores. Esse é um resultado provável por parte daqueles que escolhem o que entra no jornal, já que como dito nas entrevistas, dia ou outro dão maior importância para uma editoria em vez da outra.

De maneira direta, a Operação Lava Jato apareceu na escolha de apenas um editor. Em contraponto, a mesma notícia foi escolhida por todos os leitores e um não leitor. O acidente ambiental em Mariana ganhou muita atenção dos editores, diferentemente dos leitores e não leitores, que deixaram o assunto, na sua maior parte, de lado.

Por fim, pode-se tirar de conclusão que existe uma tentativa muito grande por parte dos editores de mesclarem todos os assuntos em alta no momento. Isso faz com que se atinja a maior quantidade possível de pessoas. De maneira geral, podemos dizer que os editores estão fazendo um bom trabalho como “*gatekeepers*” Um ponto, entretanto, deve ser exaltado. Os leitores do caderno de “Vida e Cidadania” preferem notícias mais próximas

a eles. Apesar de dois assuntos serem os mais em alta no país atualmente (terrorismo em Paris e desastre em Mariana), os editores, quase que em unanimidade, escolheram esses dois assuntos para a versão impressa da Gazeta do Povo. Os outros dois grupos, em contrapartida, deram menos atenção a isso.

O valor-notícia “proximidade” pode ser o motivo por nenhum entrevistado ter escolhido a matéria sobre a economia do Japão voltar a encolher e entrar em recessão. Apesar de o país ser um dos mais importantes economicamente, essa notícia não chega com tanto impacto aqui no Brasil, e em especial para os paranaenses que foram entrevistados para este artigo.

O jornal Gazeta do Povo não pode ser considerado um jornal regional. Ele busca trazer notícias nacionais, podendo ser colocado no mesmo estilo de periódicos de grande circulação no Brasil, como Folha de S. Paulo e O Globo. Entretanto, é evidente que não chega próximo ao tamanho desses dois. Talvez aí esteja a resposta. Afinal, o público (leitor e não leitor) vê a Gazeta do Povo como um meio para se informar nacional e mundialmente, ou prefere as informações exclusivas do estado do Paraná? A resposta parece estar mais próxima da segunda suposição.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

PENA, Felipe. Teoria do jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WHITE, D. M. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993. p.142-151.